

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

*A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas*

DAURA PACHECO RIBEIRO

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

DAURA PACHECO RIBEIRO

Daura Pacheco Ribeiro nascida em 09 de agosto de 1922 em Abaíba município de Leopoldina, MG. Sua vivência na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) foi de 1945 a 1947 como aluna, e de 1950 a 1981 como docente.

É divorciada, tem quatro filhos; cursou o primário em Santa Isabel, onde sua mãe era professora; o 4º ano foi feito em Leopoldina no Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, e o ginásio (normal) no Colégio Imaculada Conceição em Leopoldina. Cursou, ainda, um ano de contabilidade no Rio de Janeiro. Começou a fazer enfermagem na Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, na cidade do Rio de Janeiro. Desistiu do curso porque achou que “o ambiente era pesado”.

De volta a Leopoldina, conseguiu uma bolsa de estudos junto à prefeitura para cursar enfermagem na EECC, em Belo Horizonte. Morou no Internato, na rua do Chumbo, nº 601, sendo diretora, na época, Waleska Paixão. Formou-se em agosto de 1947.

Trabalhou em Leopoldina como visitadora sanitária, contratada pelo Estado, na parte de puericultura e campanhas de vacinação. Transferiu-se para Belo Horizonte em 1950 e conseguiu ser lotada na EECC, na gestão de Irmã Helena Maria Villac.

Na escola trabalhou, inicialmente, como bibliotecária e, depois como professora, no Departamento de Enfermagem Básica. Participou da mudança da escola para o atual prédio e da desanexação da mesma da Faculdade de Medicina.

Vivenciou várias mudanças no ensino e de diversas campanhas eleitorais, nas quais trabalhava ativamente para as candidatas. Aposentou-se em 1981 e passou a viver mais em função da família.

SUMÁRIO

FITA 1 - LADO A

Dados pessoais, formação escolar, período em que viveu no Rio de Janeiro onde começou a fazer enfermagem na Escola Luíza de Marillac ao qual desistiu por vários motivos; o início do curso de enfermagem na Escola de Enfermagem em Belo Horizonte, como convidada da Prefeitura Municipal de Leopoldina; a seleção e motivos que levavam as alunas a desistirem do curso; as atividades que eram obrigadas a fazer; como as alunas eram assistidas nas atividades escolares; as aulas teóricas e práticas onde eram dadas e por quem; referências da professora dona Rosa de Lima Moreira e do Hospital Municipal; os plantões obrigatórios; as aulas teóricas que na época eram dadas por médicos; o internato que era pago e como ela o pagava; o bonde que levava as alunas da Lagoinha ao centro da cidade; o dia-a-dia no internato: o horário de voltar, onde ficava o internato, os quartos (praça sete e a coruja), o sino, os locais das refeições, os funcionários mais queridos, a diretora, a vice-diretora, a economista, o capelão; locais de estudo; as férias; festas realizadas. Referências sobre a retirada da capela da atual escola. A reposição de estágios em caso de falta; a convivência com Waleska Paixão, Primavera Colasco, dona Georgina, a Jojoca e funcionários do Internato; as festas e a liberdade que as alunas tinham na época.

FITA 1 - LADO B

Comentários sobre vergonha que sente por ter medido o comprimento da saia das alunas quando professora; os uniformes de gala, de estágio, de ficar em casa; as comemorações realizadas na escola; a hierarquia das alunas mais velhas e mais adiantadas no curso; o relacionamento distante entre relação aos alunos da enfermagem e os alunos de outros cursos; o estágio no Pronto Socorro, no hospital São Vicente de Paulo, em Rio Acima, e no Hospital Municipal; os serviços de enfermagem prestados pelas alunas a pacientes de pessoas importantes; as organizações estudantis; as festas os namoros; a anexação da Escola de Enfermagem à Faculdade de Medicina; a saída

FITA 1 - LADO A

brusca da Waleska Paixão; as festividades da formatura; sua pretensão em ser freira; a sua vocação pela enfermagem; os lazeres realizados no internato e o uniforme (fofoca) usado nestes momentos; o desmembramento do internato, para a rua Bahia e Getúlio Vargas; os estágios e as dificuldades enfrentadas; o período vivido fora da escola; a volta para a EECC, como professora.

FITA 2 - LADO A

A bolsa de estudos oferecida pela prefeitura de Leopoldina; a entrada na EECC em 1950; a administração da irmã Helena Villac; o período da secretaria da escola no Hospital São Vicente; as refeições no Hospital Municipal; o curso intensivo de biblioteconomia; sua oposição em relação à passagem da biblioteca da Escola de Enfermagem para a biblioteca da Faculdade Medicina; sua função de bibliotecária e professora no Hospital São Vicente.

FITA 3 - LADO B

[LADO B NÃO FOI GRAVADO]

FITA 3 - LADO A

Volta a comentar sobre sua entrada na EECC; o curso de biblioteconomia; as disciplinas que ministrava; o atendimento no setor de pessoal da Faculdade de Medicina; as viagens das alunas patrocinadas pela irmã Villac; os prejuízos financeiros na sua vida profissional; o depósito de livros no porão do internato da Avenida Getúlio Vargas; o “período negro” da Escola de Enfermagem; a mudança da escola para a Alfredo Balena; o fim do internato; a turma da Marilda Silva Pereira, formada em 1.967, já com o nível universitário; as alunas Paula, Maria José Aun e Delba Neponuceno; a direção da irmã Maria Carmem Teixeira; a gestão da EECC pelas freiras; as funcionárias Lígia de Queiróz Guimarães, Alzira de Souza Melo e Altamira Procópio Ferreira.

FITA 3 - LADO B

Comentários sobre a Carmelita Pinto Rabela, Tereza Balbina da Paz C. Massensini e Edelvira Toni Messer; o período da CAEn [Comissão de Assistência e Ensino de Enfermagem - Órgão Oficial de Consultoria Técnica Administrativo do Hospital das Clínicas]; os locais de estágio; seu período como professora no Hospital da Previdência; a atualização das professoras antigas e novas contratações; as técnicas de atendimento de Wanda de Aguiar Horta; sua relação com as professoras recém-contratadas; sua aposentadoria; os problemas relacionados com os primeiros alunos do sexo masculino; as campanhas eleitorais na Escola de Enfermagem.

[FITA 1 - LADO A]

Valda.: Dona Daura, a senhora é, nasceu onde?

Daura: Leopoldina, é Abaíba. Vamos voltar isso direitinho. Abaíba, é, Abaíba, é, é, é município de Leopoldina.

V.: A senhora nasceu em 9...

D.: ... de agosto de 22...

V.: ...de 22, isso mesmo. A senhora é casada?

D.: Hoje eu sou divorciada.

V.: Quantos filhos a senhora tem?

D.: Quatro filhos.

V.: Quatro filhos. E a senhora é de qual religião?

D.: Católica

V.: Praticante?

D.: É. Católica, no meu jeito, né. [risos] É do meio jeito.

V.: Muito bem D. Daura. A gente podia falar um pouquinho da vida da senhora antes de fazer enfermagem, onde que a senhora fez o primário, só a parte de, de estudos, até entrar na Escola.

D.: Bom, bom, é, é eu fiz o primário era, chamava Santa Isabel. Ah! Onde eu nasci, município de Leopoldina. Chamava Santa Isabel, hoje é Abaíba, né! Então eu fiz, iniciei o primário, minha mãe era professora. Iniciei com ela, o quarto ano eu fiz em Leopoldina, no Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, Leopoldina, é. E, depois eu fiz o ginásio, na época eram, cinco anos, é naquela época eram cinco anos, né. Cinco anos de ginásio.

V.: Isso foi em que ano, a senhora se lembra?

D.: Foi... eu vim para cá em, vim para cá em 1943, então foi...

V.: ...1938.?

D.: Ah, Meu Deus! Acho que terminei em 1939, é, é 39 porque eu não fiz só o ginásio, como nós tínhamos o quinto ano de ginásio, nós podíamos fazer um de normal. Na época era um de normal, no, na, na como é que chama? Colégio Imaculada Conceição em Leopoldina. Essas coisas se por exemplo, ficar cansada a gente...

V.: ...[inaudível] aquilo ali é só pontuação.

D.: É, pois é, então tá. Então um ano, é, é, o normal, né, em, Leopoldina. Depois, eu fiz um ano de contadora no Rio de Janeiro. É, como que chamava o colégio? Era o nome de um homem. É esqueci. Um ano no Rio de Janeiro, contador, Valda.

V.: E, nesse período a senhora morou lá no Rio?

D.: Um período morei, não com a família, com uma família amiga em, no Rio de Janeiro mesmo. Fiquei um ano lá. Não gostei. Aí voltei para Leopoldina e depois eu fiz, comecei, eu iniciei a Enfermagem no Rio de Janeiro, na [Escola de] Luíza de Marilac... não gostei da Luíza de Marilac por vários motivos, tá. É, naquela época enfermagem, vocês lembram, aliás, não lembram [risos], vocês nem lembram como é que era enfermagem, é. Então eu não gostei também. E fui embora, desisti e fui embora. Nisso eu fui convidada pela Prefeitura Municipal de Leopoldina, quer dizer, isso foi bem mais depois...

[inaudível]

D.:A Prefeitura Municipal de Leopoldina convidei, é, é, é me convidou para fazer Enfermagem em Belo Horizonte, bolsista da Prefeitura.

V.: A senhora lecionava, trabalhava na Prefeitura?

D.: Não! Eles souberam, sabe, gente muito amiga, souberam que eu tinha ido ao Rio fazer o curso e não gostei. Era assim deste tamainzinho Leopoldina, né [gesto com as mãos], hoje não, ainda é pequena. Mas, então eles me convidaram. Aí que eu vim para fazer o curso. Foram, foi um curso bem pesado, mas, para mim foi ótimo, foi ótimo, né. Então vamos passar aí...

V.: ...e, esse período de... entre, assim que a senhora veio para Belo Horizonte, foi como que, teve seleção ou era indicação da prefeitura?

D.: Ah!

V.: Bastava indicação da prefeitura e começava o curso?

D.: Tinha, não, na época, na época porque muitas não ficaram não, sabe? Mas...

V.: Para começar o curso tinha algum tipo de vestibular como tem hoje?

D.: Não, não, não. Isso não, isso não! Agora, o que na época que eu vim, foram várias alunas de várias prefeituras. é. Então, não sei se a prefeitura selecionava né. Por que na época tinha, tinha [alunas] de Teófilo Otoni, tinha de, de, de Paracatu, tinha de

Caxambu, tinha, oh, meu Deus! Várias...

V.: E algumas não ficaram...

D.: É, bom, aí o curso, né. Mas como sempre, né, umas desistiram. Agora, a nossa turma foi de meio de ano e tinha uma turma maior, anterior. É.

Geralda: Qual era o motivo de desistência?

D.: Era, olha, do Rio de Janeiro, eu interna, o ambiente era pesado, para mim, não gostei. Agora, aqui, em Belo Horizonte, não foi fácil a gente fazer o curso de enfermagem. Era de muito sacrifício, porque nós éramos obrigadas. O, o primeiro semestre, era semestre também. O primeiro semestre a gente tinha as aulas, tinha ainda as aulas práticas e tudo, mas, tínhamos na escola, nós tínhamos na escola uma farmácia, então, ali naquela farmácia, nós éramos obrigadas, já, logo, logo que começávamos, a dar injeção, dava as injeções, fazia aquelas visitas domiciliares, ali na Serra; ah!, depois eu vou dizer aonde era não é? Na Serra a gente fazia. Isso o primeiro semestre já era assim. Já o segundo semestre já éramos obrigadas a dar injeção, injeção na veia, injeção muscular. A injeção muscular, o dinheiro era todo nosso, na veia era meio a meio, meio da Escola, meio nosso. A, a, o serviço particular, nós fazíamos muito para, o, os, para a família dos professores, isso aí, a escola, bom, nós alunas, sabíamos que a Escola não cobrava, então nós aceitávamos. Aí, é que muitos professores indicavam, sabe? A turma da Dona Fulana era assim, a turma da Dona Fulana...

V.: ...cada turma tinha uma, uma docente que era responsável?

D.: Não! Não! Nós tínhamos lá na Escola nós tínhamos a secretária, a diretora, e, nos, nos, como é que chama? Hospitais nós tínhamos chefe, chefe de, por exemplo no hospital, não é? Então lá nós tínhamos...

V.: ...a turma da...

D.: ...a turma é, a chefe, as alunas mais antigas, né. Lá no hospital. Trabalhando muito no hospital. Chegamos nesse ponto? Ainda não?

V.: Não [riso], a senhora sabe.

D.: É, então vamos ver?

V.: A senhora estava falando então como era o cotidiano na Escola, não é?

D.: Sim, no, no é preliminar. Chamava preliminar. O primeiro semestre era preliminar.

É, mas esse preliminar abrangia tudo isso.

V.: Teoria e prática?

D.: Sim, depois...

V.: ...como é que era a teoria?

D.: Era dada em sala de técnicas, sala com boneco, como é que fala, como é que fala?

Era...

V.:...era um laboratório...

D.:...laboratório, era o laboratório, era.

V.: Quem que dava as aulas?

D.: Dona Rosa de Lima Moreira, era a parte de técnica, tivemos outras, outras professoras. É, tivemos a, a como é que chamava? Ah! Tivemos várias professoras, sabe!

V.: E a teoria, essa era a prática. E a teoria...

D.: ...Sim, a teoria então, era o, hospital da Prefeitura, hoje é que chama Odilon Behrens.

V.: É.

D.: Era hospital da prefeitura. Então, lá, né, tinha pediatria, maternidade e tudo; então, era de acordo com o nosso período. É, aí tínhamos, tínhamos, no, às vezes, algumas aulas lá, no próprio hospital também. Bom, isso, tínhamos...

V.: ...tinha essa teoria. Quem que dava essas aulas teóricas? Como hoje tem fundamentos, microbiologia, anatomia, essa parte...

D.: ...professores, eram professores, vamos ver se eu lembro, né. Professores de anatomia, fisiologia... bom fisiologia... isso aí depois eu acho, que eu...

V.: ...tudo bem. Como é que era o ensino, como é que eram essas aulas dadas dessa parte teórica?

D.: Muito, muito bem dadas, muito bem dadas. Os professores se esmeravam mesmo. Agora, o aluno não tinha muito tempo, prá isso não, por que nós éramos obrigadas, aos nossos plantões, aos nossos serviços particulares, lá, éramos chamadas, as internas, principalmente as internas, eram chamadas para tudo, não é? Então, é, o que eu sinto, o que nós sentíamos, nós alunas neste período, o que nós sentíamos não ter tempo para a gente estudar.

V.: A parte teórica?

D.: É, porque a parte teórica sempre foi muito bem dada. Professores muito bons...

V.: ...professores médicos?

D.: Médicos, mas muito bons, tá entendendo? Na época nós não tínhamos, não é? Hoje, quer dizer, porque na época nós não tínhamos, um professor de anatomia, tudo... Hoje até, a gente tem condições para isso. Mas antes não tinha mesmo... era da esco... faculdade de Medicina! Ah! Sim e o, não, ainda não era o Hospital São Vicente, não. Tínhamos assim, nós tínhamos, ainda não chegou também não?

V.: Pode chegar, pode falar.

D.: Pode?

V.: Pode.

D.: O internato era...

V.: ...a senhora era interna?

D.: É, é, tinha uma turma interna...

V.: ...como é, como que, como que se, como é que ia para o internato, tinha algum critério? Pagava? Quem ia, quem não ia? Como é que era isso?

D.: Pagávamos, nós pagávamos lá. Então, a nossa bolsa de estudo, a nossa! De Daura Pacheco Ribeiro, eu, eu fiz questão que viesse direto para a Escola. Era então, a secretária, aí tinha um desconto para o internato. Isso aí eu não me lembro...

V.: ...percentual.

D.: É, o percentual, não lembro. Então a escola, já, da escola é, eu recebia, então, pela escola, vinha direto prá escola, não é? Da Prefeitura vinha direto para a Escola. Outras não, outras era particular, né. E, tinha umas aqui de Divinópolis, então era fácil para elas, não é? Bom, é, aí tínhamos o bonde, era bonde. A gente vinha até o centro e do centro, a gente tomava outro lá, para Cachoeirinha na época, não é? Lagoinha, não é?

V.: Onde que era o estágio...

D.: ...é.

V.: Como é que era a vida no internato? Vamos esquecer a parte da... como é que era viver no internato, o dia-a-dia de vocês no internato?

D.: É, era, era bom, era bom, sabe? Nós tínhamos a diretora, a vice-diretora, moravam lá. Tínhamos ecônoma, D. Georgina...

V.: ...ecônoma? O que é ecônoma?

D.: É a que tomava conta da economia toda.

V.: Ah! Sim.

D.: E, esta, como conhecia a minha família, ela tomava conta de mim também.

V.: De você também. [risos]

D.: É, mas nós saíamos para namorar, tudo assim, o, o, o, quer dizer, era uma vida normal, sabe?

V.: O dia, tinha hora de voltar?

D.: Ah! tinha, dez horas tinha que estar lá. É, viu...

V.: ...como é que era a casa? Onde que era primeiro...

D.: ...lá, era Rua do Chumbo...

V.: ...rua do Chumbo!

D.: Acho que era 601? É, é, rua do Chumbo 601. Uma casa bem grande. Agora, para aquela época era boa, para a época.

V.: Cada um tinha seu quarto?

D.: Não. Alguns quartos. Poucos quartos, e tínhamos uma, tinha a, a Praça Sete,^{*} era, tinha mais alunas, né. Chamava Praça Sete. Tinha a coruja, é, o quarto da Coruja, aí, seria tão bom se vocês fossem lá, eu não sei se ainda tem, para as pessoas que faziam plantão, aí no dia seguinte... depois muitas preferiam ficar lá na Coruja.

V.: O tempo todo.

D.: É.

V.: Ele era diferente do outro, da Praça Sete, por exemplo, em que?

D.: Sim, porque a praça sete devia ter, devia ter umas oito ou nove camas, não é? Então era uma Praça Sete [risos].

V.: Grande?

D.: É. Agora a Coruja era um quartinho pequeno, duas camas. Subindo assim, tinha uma escada, então era tranquilo para essas que faziam [plantões] à noite queriam descansar.

V.: E onde era o quarto da senhora?

D.: Ah! Eu ficava na Praça Sete, tinha umas outras ami... é, aí, mas isso era de acordo

* É a praça central de Belo Horizonte.

com, lá, com a escola, a escola é que...

V.: ...é que escolhia.

D.: Que escolhia.

V.: E onde que eram feitas as refeições?

D.: Refeições! Tinha um refeitório. Nós tínhamos as funcionárias, que eram, né, as cozinheiras. Zulmira, a... Malvina, ah, gente! Gente muito boa, ah, meu Deus! O Seu Geraldo que também servia, né, prá tudo. Essa aí [Zulmira] vocês pegaram [conviveram]. Não?

V.: Zulmira sim, o Sr. Geraldo eu não sei, qual, se é esse que estava na Escola de Enfermagem, recentemente.

D.: Ah, não! Você não pegaram o seu Geraldo.

V.: A senhora não sabe onde eles estão? O Sr. Geraldo por exemplo?

D.: O Sr. Geraldo já morreu.

V. Ah, sim.

D.: A Zulmira, já está bem idosa...

V.: A Zulmira Chaves?

D.: É, é.

V.: Está viva?

D.: Esta está viva, eu soube, outro dia eu tive notícia dela. Tinha a mãe do, do, do, ai meu Deus... a mãe do Oscar.

V.: A mãe do Oscar foi funcionária...

D.: ...foi funcionária lá...

V.: Já morta?

D.: Não tenho certeza.

V.: Não sabe?

D.: Não tenho certeza. Leontina. Dona Leontina. É, a Tita. Vocês pegaram a Tita!

V.: Na biblioteca.

D.: É, Maria Natividade, Tita... aí... aí.

V.: Maria Natividade.

D.: Mas já morreu.

V. Não...

D. ...é.

V. Tem pouco tempo, então!

D.: Tem pouco tempo, acho que ano passado.

V.: Ah!

D.: É, viu?

V.: A irmã da Tita, trabalhava na...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

D.: Era funcionária, né. Tá, e, bom! Aí, eu vou contar um pouco dos meus casos não é?

V.: Isso, conta.

D.: Não gostava de canjica de jeito nenhum! [risos] Hoje gosto. Então, sábado, domingo, dia santo e feriado, a, a, a, lanche, tinha o almoço e tinha o lanche. O lanche era canjica; eu tinha horror a canjica. E... ai meu Deus do céu! Aquela, aquela, gente! Como é que chama?

V.: Doce também?

D.: Não... jaca!

V.: Ah! Jaca.

D.: Jaca! Tinha muitos pés de jaca lá, era, é, é, entre a, lá na Rua do Chumbo, era imenso lá, então, então tinha muita jaca, então, eu passava maus lençóis. Depois passei a gostar de canjica. Hoje gosto muito de canjica. Bom, então, eram essas as refeições.

V.: E durante a semana era melhor as refeições?

D.: Era, era almoço e jantar, é, sopa. É almoço e jantar.

V.: Tomava café e ia para o estágio?

D.: É, tomava café cedo. Antes de...

V.: ...ir para a aula?

D.: Sete horas já estava no hospital.

V.: O café então era cedinho?

D.: Bem cedinho.

V. Alguém acordava as alunas?

D.: Tinha, tinha, como é que é o negócio do sino? Tinha um sino, tinha um sino sim!

Eu não estou muito, não estou muito lembrada, tinha um negócio de um sino. Que batia para acordar, para o almoço, para o jantar, é. Agora durante o dia nós tínhamos as aulas, né. As aulas não eram lá não, lá era só internato. Então tinha, olha, nós tínhamos, nós tivemos aulas aqui na Getúlio Vargas, aí eu não lembro direito, era uma casa, era uma casa.

V.: Hum, hum. E para estudar? A senhora falou que tinha pouco tempo para estudar, mas lá no internato tinha algum lugar específico?

D.: Não, não!

V.: Era só quarto?

D.: Tinha, era muito grande a, a, o, o, a, como é que chama, a escola, era grande, então nós tínhamos, muitas até ficavam mesmo nos quartos, mas aí havia o respeito né. Quando a gente queria estudar então havia o respeito. Tinha umas saletas, uma, uma espécie de, umas saletinhas. Então a gente se acomodava lá.

V.: A senhora lembra se tinham normas gerais para o funcionamento do internato? Tinha alguma coisa assim?

D.: Ah! Nós tínhamos sim, tinha, nós tínhamos uma capela! Sentimos muito, isso eu quero deixar bem, quero frisar bem. Sentimos muito em ter tirado a capela. Podia ter colocado, podia ter estudado um meio de colocar a capela, continuar, quer dizer, em respeito a, isso foi, não sei se podemos chamar tradição, não sei. Eu, eu, soube que a, a, isso aí eu quero que frisem bastante. Eu soube que a Isaltina ficou muito aborrecida com a retirada da capela. Eu acredito que muita colega nossa, do nosso tempo tenha também desejado que tirasse, não sei porque?

V.: A senhora quer dizer não é, que a escola atual, dos dias atuais, quando retiraram a capela dessa escola?

D.: É, é, devia, devia, pois é, se bem que eu aceito qualquer religião, mas ao respeito nosso. Então, eu soube que a Isaltina sentiu muito ter retirado a, a, eu não soube, eu não tenho tempo, infelizmente. Mas isso eu sinto. Agora, isso é uma coisa que, foi uma falta de respeito. Tá, a gente, eu, eu respeito todas as religiões e tudo, né, mas não custava nada. Sempre tivemos uma capela.

G.: Como a senhora disse, quer dizer uma falta de respeito nos dias atuais, da atual escola de ter tirado a capela?

D.: Foi, foi.

G.: Porque a senhora estava falando que em termos de normas gerais do internato já existia...

D.: ...já...

G.: ...uma tradição que começava lá, havia uma capela lá no internato?

D.: É, havia a capela, missa, sabe, tinha ocasiões que a gente rezava a, a ladainha, é, a, a, é, é, é então, era uma coisa que, veio, veio do, do, da, da, da formação...

G.: ...da formação religiosa?

D.: Religiosa, é. Agora não importa qual seja a religião, não! Mas já que tin... podia ter outra, outra também!

V.: Espaço para a religião...

D.: ...podia! E, eu respeito todas elas. Agora, eu senti, eu não, não me aprofundei, eu soube que a Isaltina ficou muito magoada com a retirada da capela. Ela está coberta de razão. Na época eu não soube. Outra coisa que eu quero deixar bem claro aqui para vocês, ainda mais vocês que estão bem mais novas do que eu. Gente, omissão é uma coisa grave! Eu, eu, eu não soube que estava passando por esta fase lá na escola, de ter de retirar ou não, a capela. Não soube! Soube depois. Então, omissão em tudo gente, pelo amor de Deus! Pensem bem, tá!

[Pausa, conversa em off, 838]

V.: Bom, é, como a senhora falou então, a senhora está querendo dizer que naquela época de fechar a escola, a senhora poderia ter feito alguma coisa. A escola, não a capela! A senhora poderia ter feito alguma coisa?

D.: Pois é...

V.: ...para evitar, né, um movimento, né?

D.: Quem sabe, quem sabe!

V.: E aí não se sentiria omissa hoje.

D.: Quem sabe se, a gente poderia, porque eu não sei...

V.: ...não foi nem discutido não é?

D.: É, eu não sei porque razão foi retirada, não sei! Agora, hoje eu chegar lá e perguntar: Por que em gente, vem cá! Por que, por que que? Não, hoje, hoje não tem jeito. Eu nem sei quando é que foi que retirou nem nada não é?

V.: É verdade... então, voltando no internato... [risos, barulho do telefone tocando, 856]. A senhora estava falando das normas de funcionamento não é...

D.: ...Cleiton dá uma olhadinha [filho da D. Daura, ela estava pedindo para ele atender o telefone, pausa 858]. Nós tínhamos, tínhamos, nós respeitávamos aquele silêncio.

V.: Regulamento...

D.: ...silêncio e tudo. Vamos falar aí também, acho que já pode, quer ver! A questão de, de falha em serviço.

V.: As punições que haviam se faltassem às normas do internato, o que acontecia?

D.: No internato, no internato a gente procurava respeitar o máximo, né. Agora, nós tínhamos férias, já pode falar?

V.: Pode. Então, onde, onde que vocês passavam as férias?

D.: É, as férias cada um passava, eram, eram, eram vinte dias, vinte dias corridos, é. E depois desses vinte dias se a gente falhasse, é, isso era muito grave. Se a gente falhasse sem motivo, eles achavam que era sempre sem motivo, né. Aí a gente pagava quatro faltas por uma.

V.: Uma falha de estágio perdia quatro dias de férias?

D.: É, não! É, eles, no final, eles, eles, a escola cobrava, no final a escola cobrava. De mim cobrou! [risos, 891] É, mas eu não falhei não foi à toa não! Mas, enfim, cobraram. E, por exemplo, plantões, o sábado, domingo, feriado, a gente fazia os plantões. Se por acaso faltasse, cobrava quatro faltas.

V.: No final.

D.: Também, é, é, tá...

V.: ...e, como que... a senhora estava falando de vida religiosa, tinha capelão ou freiras lá no internato?

D.: Tinha o capelão, padre Álvaro Negromonte. Ele tinha uma casa perto. É, é, a casa do padre Álvaro Negromonte era perto da escola.

V.: É, agora, muitos tinham como confessor, porque na época era confessor, outros padres, isso aí não era obrigatório. Ele era o...

V.: ...capelão.

D.: Capelão.

V.: Tinha freiras?

D.: Nessa época, não!

V.: Naquela época, não?

D.: Ainda não.

V.: Hum, hum. A senhora falou um pouquinho antes que quem morava no internato era a diretora, quem era a diretora e a vice?

D.: É, a diretora era a Dona Waleska Paixão. A vice-diretora, Primavera Colasco [dúvida, 923 - rever sobrenome] Veras. E, as professoras, também algumas moravam lá. Algumas, não, eram poucas que moravam lá, porque a, a, eu estou me referindo às professoras novas, eram as alunas mais antigas que eram chefes de, chefes de clínicas. Era chefe de clínica, né.

V.: Hum, Hum. Como é que era o relacionamento das alunas com essas diretoras inclusive que moravam dentro da própria escola? Como é que era isso?

D.: Isso aí variava muito. [risos] Eu, eu sempre fui muito, graças a Deus, fui muito rebelde. [risos] Graças a Deus fui muito rebelde. Me dava muito bem com Dona Primavera, ela falava a mesma língua minha.

V.: Hum, hum.

D.: Era, era, franca, não tinha rodeios, nem nada. Então, nós nos entendíamos muito bem. Gostava muito de Don... da econômica, a Dona... gente eu falei agora mesmo! [barulho de fundo, assobios, 950] Ai, agora não me lembro!

V.: A senhora falou no início da gravação.

D.: Foi, eu vou... me dava muito bem com ela, ela conhecia minha família, eu me dava muito bem com ela. Dona Georgina!

V.: Georgina...

D.: ...a Jojoca! A Jojoca! Nós nos dávamos muito bem. A Jojoca tomava conta de nós, é...

V.: ...hum, hum.

D.: Era a que mais tomava conta de nós.

V.: Era a mãezona?

D.: Era! Já bem idosa, mas uma pessoa muito boa.

V.: E com Waleska?

D.: Não, não me dava bem [risos, 964].

V.: Quer falar um pouco sobre isso, que, que ponto que não era legal.

D.: Será que vale a pena?

V.: A senhora é que sabe?

D.: Ela já está até morta não é?

V.: Hum, hum.

D.: É, mas se eu for falar da irmã Emília eu tenho que falar da Waleska.

V.: É, depois veio a irmã Emília, não é?

D.: Ah é, né?

V.: Hum, hum.

D.: Então... convém falar?

V.: Se a senhora quiser? Se não quiser?

D.: É, não!

V.: Não, então tá.

D.: É não! Você já tinha...

V.: ...depois a gente corta [977].

D.: Você já tinha...

[pausa, 978].

V.: Tinha alguém, alguém ficava, podia ficar no internato quem não ia para casa?

D.: Podia!

V.: Podia, não é?

D.: Continuava trabalhando! Quer dizer, tinha uma escala! Ah! Tinha uma escala de serviço, né.

V.: Dentro do internato?

D.: Não, sempre em hospitais.

V.: Ninguém, o pessoal não tirava férias junto não?

D.: Não, como é que é? Ai... não me lembro! Não! Não era assim não! Eu fico devendo esta, sabe?

V.: Da vida no internato, alguma coisa interessante, alguma coisa...

D.: Negócio de festa, que vocês perguntaram aí! Tinha! Tinha a festa de São João, muito boa! Muito bem organizada! Tinha, uma outra coisa que você perguntou aí!

V.: Se vocês divertiam, como é que era o...

D.: ...não, é, é, nós tínhamos uma certa liberdade. Tinha, tá! Ali, dentro daqueles critérios nós tínhamos uma certa liberdade, bem diferente de hoje, né?

[PAUSA PARA TROCA DE LADO DA FITA]

FITA 1 - LADO B

D.: A liberdade é um pouco diferente de hoje. Por que, é, é, eu não sei se a gente tinha, aqueles limites, não sei. Por causa da idade também, não é? Isso aí tem que, que, que...

V.: ...era outra época, não era?

D.: É outra, é outra! Então isso aí vocês tem que, vocês tem que, ah! tem uma coisa que eu me envergonho até hoje! E há pouco tempo uma pessoa me, me, ah! bom isso é quando eu fui aluna. Não! Quando eu fui professora. Quando eu fui professora, medir a, a...

V.: ...o tamanho da saia.

D.: O tamanho da saia, hoje eu morro de vergonha de ter feito uma coisa dessas. [risos].

G.: Media o tamanho da saia das alunas?

D.: Tinha que medir [gesto com as mãos no joelho, 047]. Acho que era trinta, nem sei, depois eu vou medir, nem sei [risos]. Isso quando eu fui professora. Uma, [risos] uma, ex-aluna falou isso comigo! Nossa, que vergonha!

V.: Como é que era o uniforme na época, o chapéu colorido de cordas?

D.: Ah, ah, espera lá!

V.: Tinha uniforme de ficar em casa?

D.: Tinha...

V.: ...tinha o uniforme de casa, outro para ir para o estágio?

D.: Tinha, tinha! Tinha um de gala, tinha o, tinha, logo, logo no início era o branco, não é? O branco, e, tinha o, o, o uniforme de gala. Sete de setembro a gente ia para a parada com o uniforme de gala! Então era uma capa, era o branco, uma capa azul, é, geralmente a capa era na, era da escola. Nós tínhamos o uniforme, né, sempre meia comprida, sapato fechado, branco fechado, e, então, bom, sete de setembro a gente

... no estágio, não
tinha que comparecer às paradas, né.

V.: Hum, hum.

D.: Bom... mais assim?

V.: A senhora estava falando da atividade social, então, vamos lá.

D.: Ah, sim!

V.: Como que era a, a participação das escolas na, nas festas cívicas; a senhora falou, né.

D.: Foi.

V.: Religiosas também.

D.: É.

V.: E na Semana da Enfermagem, tinha festa assim?

D.: Não.

V.: Comemoração?

D.: Comemorava, mas assim, era missa, era um, um lanche melhorzinho. Era uma coisa assim tá?

V.: Congresso... de enfermagem...

D.: ...não, não, não devia ter. Se tivesse...

V.: A senhora não se lembra.

D.: Não me lembro, acredito que não. Eu preciso ver quando é que começaram os congressos para ver, né?

V.: Hum, hum.

D.: Isso aí eu não lembro, não devia ter não.

V.: E, e aniversário da escola, tinha festa?

D.: Era sempre assim, era missa, era um almoço melhor, né. A, a escola aí recebia, recebia assim, professoras, mas sempre assim. Aí, aí tinha, ah! tem uma questão aí que eu preciso falar, né. A, as alunas, as alunas mais antigas, as alunas mais adiantadas, né. Nossa!, Tinha uma... como é que era, como é que nós vamos falar?

V.: Tinha hierarquia?

D.: É, é, era uma hierarquia, muitas vezes a gente era obrigada a respeitar. Então, algumas abusavam dessa hierarquia. Outras não! Eram mais educadas. Eu acredito que isso tudo vem da educação.

V.: E se na época, no estágio...

D.: ..no estágio, não é?

V.: No estágio eram as alunas mais antigas que tomavam conta então dos estágios das mais novas?

D.: É.

V.: Das que estavam começando?

D.: Isso, isso. Agora, então eu acho, sabe? Isso é bom frisar, acho que isso, é bom assim: eu sou a favor de hierarquia, sou a favor de respeito, mas sou a favor de educação.

V.: Hum, hum.

D.: Isso é, então isso é, é muito, muito individual. Eu acho.

G.: A senhora está falando aí do relacionamento com as colegas, não é?

D.: É.

G.: De hierarquia. E como que era a relação com assim, com outros estudantes de outros cursos, por exemplo, com curso de... com alunos da Faculdade de Medicina? Vocês tinham, como que era o relacionamento com esses outros alunos de outros cursos da área de saúde?

D.: É, era um relacionamento bom, mas assim, à distância. Sempre à distância. Mas isso gente, é por causa da época em que nós vivemos, aquela época, sabe? Por que entre nós mesmas, entre, entre a, a, a, as alunas, as alunas do mesmo...

V.: ...nível...

D.: ...isso, uma tinha que chamar a outra de senhora, tinha que chamar de senhora, é, é, viu? Isso aí! Agora...

V.: ...mesmo longe das professoras?

D.: Mesmo longe das professoras. Não! Depois não, havia estágios, em estágios. Estágios era senhora e tudo. Então, é, é, ali era cobrado mesmo, tudo isso!

G.: A senhora está falando aí do estágio então, que o estágio era mais cobrado. A senhora lembra assim de qual estágio que a senhora mais gostou, em que período que foi, que a senhora falou daquelas etapas preliminares depois que que ia para o hospital. Qual foi o estágio que a senhora mais gostou, ou se a senhora também já fez estágios fora de Belo Horizonte?

D.: Bom, nós gostávamos muito de um estágio no Pronto Socorro [risos], que vocês

nem, nem viram... O pronto socorro era um estágio muito bom, não, rico, muito rico, viu?, em tudo. Agora, era difícil, era difícil o estágio, mas nós tínhamos, porque não sei havia um entrosamento bom, mesmo entre os médicos, o, o, o, mesmo estudantes, os médicos não é? Então, um relacionamento bom. Não sei se foi por causa disso também que nós gostávamos. E, tínhamos o estágio de saúde pública, tínhamos um, um, é, é, além desses, desses, estágios, tínhamos o, o, São Vicente, São Vicente de Paulo. Nós tínhamos estágio no São Vicente de Paulo e nós tínhamos também em Rio Acima. Muito bom... nós gostávamos muito desse estágio em Rio Acima.

V.: A senhora fez o estágio lá então.

D.: Todas faziam...

V.: ...iam de que?

D.: Nós íamos de, é, é, é, ainda tem o subúrbio?

V.: Sim.

D.: Ainda tem?

V.: Tem.

D.: É, aí eu nem lembro se...

V.: ...ia todo dia, voltava todo dia?

D.: Não! Ficava lá! Ficava lá!

V.: Anh! Quanto tempo era o estágio lá?

D.: Ah! Isso já era no último ano, às vezes a gente ficava três meses, variava.

V.: Direto lá no hospital.

D.: É, direto. Aí, a equipe toda né?

V.: As professoras...

D.: ...as professoras ficavam reponsáveis por nós.

V.: Hum, hum.

D.: O, o hospital ficava por nossa conta.

V.: Hum...

D.: ...o hospital era daquela, acho que é fundação... Giannetti... gente! Américo Giannetti? Ah! Não é?

G.: Américo Giannetti?

D.: Américo Giannetti, seria isso. Giannetti, Giannetti. Não é Américo Giannetti, eu

acho que sim! É o hospital em...

V.: ...em Rio Acima.

D.: Em Rio Acima. Isso aí é bom a gente depois, assim, ver direitinho.

V.: Hum, hum.

D.: Muito bom o estágio. Aí tinha, o, o, lá, lá, lá, no, no campos do hospital, vamos dizer campus, né. Tinha a casa do médico com a família.

V.: Hum...

D.: ...é, ele morava lá com a família. É, gente é, doutor... Ah!...

V.: ...como é que era o estágio lá em...

D.: ...ih! ele desligou agora, ligou agora.

G: Liguei agora de novo.

D.: Espera lá, desliga. Eu acho que doutor Henzo Antonini.

G.: Que era médico lá em, do hospital de Rio Acima

D.: É, é. Eles, eles davam muito apoio à escola, sabe? Nós tínhamos lá também, o, o, hospital ficava todo por nossa conta! É, o, tinha, cozinha, tudo, tudo, refeitório, e... dormitório... Os funcionários né. E os doentes, todos, tinham, enfermarias, os doentes todos por nossa conta. Tudo! Tinha tudo! Tinha pediatria, tinha maternidade, ficava tudo por nossa conta. Ainda tinha parte de... de visitação, né. De visitadoras, em Rio Acima. Foi muito bom o estágio!

V.: E no Municipal, a senhora fez estágio lá também?

D.: É, é, muito bom!

V.: Como é foi no municipal.

D.: Ótimos médicos, amigos, não só amigos da escola como nossos amigos. Ôh! gente, precisava lembrar o de, o nome de todos! E dos professores, então era bom! Eu fico devendo a vocês umas, assim, depois nós anotamos...

V.: ...ah! Tá...

D.: ...viu? que isso aí seria muito bom, viu?

V.: Na época em que a senhora esteve na escola teve algum aluno do sexo masculino, algum colega do sexo masculino?

D.: Não, não, não! Como, como no meu período...

V.: ...de aluna?

V.: Hum, hum.

D.: Isso não! Isso já foi há mui... já foi bem... já, eu como professora, é, aquele período todo era só feminino.

V.: Enquanto o estágio mesmo, algum paciente especial, um fato marcante da época do estágio?

D.: Tinha, tinha muitas coisas sabe! Tinha assim, pessoas de idade que a gente tinha muita assim, muita afinidade. Tinha, olha aqui! Tinha da família do Juscelino. Tinha tia do Juscelino, irmã do Juscelino. Nós tratávamos, viu? Da família Abras! A, a, esse aí não fui eu, não fomos nós que tratamos não. Mas colegas que tratavam da família Abras. Tinha, Bicalho! O Monsenhor Bicalho, morava aqui a mãe dele bem idosa, eu fazia noite com ela... É, mãe do Monsenhor Bicalho.

V.: Bom, vamos falar um pouco sobre então, da vida estudantil, da organização estudantil. Tinha D.A., tinha...

D.: ...tinha!

V.: Jornalzinho, alguma coisa assim?

D.: Tinha! Tinha tudo isso! E infelizmente... num, num, será que naqueles arquivos da escola não tem nada não!

V.: Tem um, um, uns arquivos lá que são do Jornal 9:55 que era a vida estudantil... O D.A, se tinha... Como é que vocês se organizavam enquanto estudantes mesmo? Se tinha algum movimento?

D.: Escuta! Isso aí, tinha! É, é, Era o grupo dos alunos de medicina e tudo!

V.: Enfermagem não tinha?

D.: Não! A gente fazia parte mas assim, sabe? Por exemplo, uma festividade a gente ia, nes... nes... nessas... essas festinhas nossas eram lá na Escola de Enfermagem. Festinhas de São João! Ótimas festinhas! Muito bem organizadas. Eles iam! Tinham os namorados da, da, das, né. É, das moças tudo que, tinha, tinha muita gente bonita, muita gente [risos], também tinha muito bagulho, né. [risos] Tinha de tudo!

V.: Tinha muito namoro então assim, na escola?

D.: Ah! Tinha, tudo bem!

V.: Era mais com pessoal da medicina também, ou era fora, independente?

D.: Não! Fora, fora, fora, também!

V.: Hum, hum.

D.: É, tinha mas, tudo fora.

V.: É, dona Daura, é... sobre a, a, a imposição das insígnias, a senhora...

D.: ...ah!

V.: Era da época da senhora?

D.: Era.

V.: Como que era e quando que acontecia? (...) Quem organizava, quem participava?

D.: Aí ó, eu vou ficar devendo tudo, vocês anotam para mim!

G.: O que que significa... o que significava imposição de insígnias? Qual o significado disso, né?

D.: É, eu tenho a impressão que, eu estou meio por fora. Você anota aí...

V.: ...hum, hum.

D.: Que eu quero dar uma resposta assim bem, bem exata.

V.: Hum, hum.

D.: Viu!

V.: Tá.

D.: Estou devendo.

V.: Depois a gente vê isso!

D.: Tinha umas outras coisas também, depois a gente vê. É, nome de professores... Isso é bom!

G.: Já que a senhora estava falando na, na organização estudantil aí... teve alguma greve no, no, no período em que a senhora viveu como aluna na escola? Se teve alguma greve que a senhora se lembre, o que que motivou a greve, né?

D.: Não, não, não lembro!

G.: Se tinh... se houve ou não reposição de aula? Se teve algum momento na...

D.: ...não, isso eu não lembro! Põe aí! Põe aí porque...

V.: ...hum, hum.

D.: É, é, eu vou procurar saber por colegas, outras coisas assim... por que tem muita coisa que foi esquecida.

V.: Alguma, é, alguma da política da época que a senhora se lembra que aconte... algum fato que estava acontecendo na época, assim, que a senhora enquanto aluna, ou a escola, enquanto a escola participou?

D.: Teve um mas...

V.: ...época da Guerra?

D.: Não, não!

V.: Ou já foi depois?

D.: Não foi isso não! Teve lá alguma coisa assim, com, com a Secretaria mas isso aluno não ficou sabendo e nem professor.

V.: Hum...

D.: ...nem aluno, nem professor, aí foi uma coisa assim muito velada, assim, sabe? Por que isso, porque vocês, vocês estão vivendo um, um período muito diferente do nosso.

V.: Hum, hum.

D.: Sabe! Então, e, e, hoje as coisas são bem mais claras, graças a Deus né?

V.: Hum, hum.

D.: As coisas são bem mais claras. Teve, teve.

V.: O surto de tifo foi na época da senhora?

D.: Não.

V.: Não, né. E sobre a, a vida da escola, a estrutura organizacional da escola? Aquela luta pela equiparação ao padrão Ana Nery? A senhora se lembra como que foi? Não foi antes né?

D.: Ah!, foi antes.

V.: E da, e da, da equiparação, da anexação à Faculdade de Medicina?

D.: Pois é. É, é, foi naquela época, mas a gente, nós alunas não tomávamos...

V.: ...não participavam, né?

D.: Não participávamos não!

V.: E sobre a, a saída da Ana, da Waleska Paixão para o exterior?

D.: Pois é, isso aí é que ninguém...

V.: ...ficou sabendo direito?

D.: Não. Eu acredito que alguém tenha sabido, mas...

V.: ...foi uma saída brusca?

D.: Foi, foi uma saída brusca mas, é, é, como é que chama, como é que chama...

V.: ...a vice?

D.: A vice tomou posse é, é, tomou posse e abafaram.

V.: A vice na época era a, a Rosa?

D.: Dona Rosa de Lima Moreira.

V.: Hum, hum.

D.: É, mas aí abafou e pronto.

V.: Hum, hum.

D.: Nós não tomamos conhecimento.

V.: Hum, hum. Então sobre a, aquela luta da anexação à Faculdade de Medicina a senhora não se lembra, não fez nada?

D.: Não porque...

V.: ...enquanto aluna não participava de nada?

D.: Não! Aluna não participava de nada não.

V.: Então vamos falar da formatura?

D.: Acont...

V.: ...como é que era, como é que vocês se preparavam? Como é que era isso?

D.: É, a formatura...

V.: ...o fim de curso?

D.: As formaturas, minha filha, eram no salão lá do, do, lá da Faculdade de Medicina... Com aquela pompa toda! A missa, as famílias, né?

V.: Tinha convite?

D.: Tinha! Tinha convite, as famílias vinham, então, mas assim, coisas assim, bem mais, mais, simples.

V.: Tinha baile? Não? Teve?

D.: Não, não, não lembro, não lembro.

V.: Paraninfo, como é que era a escolha de pa... de pessoas homenageadas?

D.: Tinha, tinha, tinha isso tudo! Mas nem da, nem da minha turma eu não lembro.

V.: [risos]

D.: Põe aí, faça o favor! Eu fico devendo essas coisas todas!

V.: Tá, se a senhora não se lembrar não tem importância.

D.: Pois é, num, é...

V.: Tá?

D.: Acredito, acredito, eu acredito que alguém vá lembrar.

V.: Sim com cer... por isso que a gente vai entrevistar várias pessoas...

D.: ...é, aí, aí sim, tá!

V.: Cada um lembra um pedaço, aí encaixa.

D.: É, aí encaixa, isso!

V.: É, a senhora que, começou a falar no início da entrevista que começou a fazer enfermagem no Rio. O que que levou, já no final da entrevista...

D.: ...não, mas...

V.: ...o que que levou a senhora a escolher enfermagem, como é que era a enfermagem, ser enfermagem, ser enfermeira na época, encaixando aqui com o fim do curso?

D.: Ah! Sim...

V.: ...como é que no início...

D.: ...sei.

V.: Porque que a senhora resolveu fazer enfermagem...

D.: ...sei.

V.: Alguém influenciou...

D.: ...é.

V.: Como é que foi isso?

D.: Não! Até hoje eu penso, se eu voltasse há uns anos atrás, faria tudo de novo porque, até hoje gosto muito da enfermagem. Agora, teve uma época que eu quis ser freira, mas depois eu vi que não dava certo com o meu temperamento!

V.: Antes ou depois do curso?

D.: Não! Antes de fazer o curso!

V.: Ah! Hum, hum.

D.: Por que nesse período aí, antes de fazer o curso de enfermagem, antes da, da, da, da...

V.: ...de, do Rio?

D.: Marilac, antes de Marilac e tudo, eu tive vontade de ser freira, mas eu vi que é, hoje eu faria!

V.: Hum, hum.

D.: Hoje!

V.: Hoje daria certo.

D.: Hoje dava certo!

V.: Hum, hum.

D.: Agora, aquele negócio daquelas imposições assim, não! Por isso que eu digo: “Eu sou graças a Deus, rebelde.” Agora, mas eu procuro assim, dentro da minha rebeldia assim, procurar o certo, sabe?

V.: Hum, hum.

D.: Tá. Então hoje eu convivo com muitas freiras, tá?. Tenho uma prima que é freira. Tem é, é, é, tem uma casa de, de, de saúde delas, eu não chamo de casa de saúde não! Isso aí eu gostaria de conversar depois. No intervalo nós vamos conversar depois... Não deixa eu esquecer não! Que eu tinha vontade de outras coisas mais para a enfermagem. Isso aí vão, extra, para conversar.

V.: Tá! Então a senhora estava falando, como é, porque que a senhora escolheu enfermagem? Como é que foi essa escolha? Quem influenciou?

D.: Na época nós fizemos enfermagem, um grupo bom, um grupo bom fez enfermagem por vocação. Fez! Por que o que a gente passava não era fácil não! [barulho de assobio] Viu? Então, esse grupo fez por vocação mesmo.

V.: A família não interferia, achava ruim, achava bom?

D.: A minha família não achou ruim por que viu que era por vocação. Agora, eu não quis ficar no Rio de Janeiro por causa do ambiente. O ambiente não era... aqui mesmo... tinha, mas a gente isolava, porque eu, tinha liberdade aqui. Era interna mas eu tinha liberdade para sair. E lá não! Lá na Luísa de Marilac, não!

V.: Ficava presa dentro do internato?

D.: É, ficava na Luísa de Marilac e ia para a Santa Casa [barulho]. Da Santa Casa para casa, não dá, né?

V.: E o ambiente no internato, as relações eram tranquilas, com as pessoas?

D.: Aqui?

V.: Sim!

D.: Nós isolávamos

V.: Hum, hum. Quem tinha, não era legal, separava.

D.: Não a gente isolava. Tinha! Tinha muita gente! Hoje, eu, a gente fica pensando,